



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
FURG
Instituto de Matemática, Estatística e Física – IMEF
Curso de Licenciatura em Ciências EaD
Trabalho de Conclusão de Curso



ALUNOS SURDOS – REALIDADES E NECESSIDADES

Jaqueline Kolmar Thurow¹

Ivane Almeida Duvoisin²

Resumo: este artigo focaliza a capacitação de professores no município de São Lourenço do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Buscou-se através da pesquisa bibliográfica e de questionários, diagnosticar a situação das Escolas Municipais, no enfrentamento das reais necessidades dos estudantes surdos, levantar as reais necessidades e dificuldades dos professores que já lidam diariamente com esses alunos nas salas de aula e verificar que propostas os professores apresentam para superar as dificuldades diagnosticadas. A educação de pessoas surdas nos sistemas regulares de educação tem sido um assunto debatido exaustivamente. A questão da inclusão, já presente há alguns anos, ainda está longe de ocorrer de maneira efetiva, mas algumas ações estão sendo tomadas a nível municipal, principalmente na questão da formação docente, capacitando os professores a se comunicar em LIBRAS. Mas, tal formação não é estendida a todos os profissionais da rede e nem aos alunos que não sabem o idioma. Busca-se com esse artigo contribuir para a reflexão acerca de práticas inclusivas, procurando compreender seus efeitos, limites e possibilidades e apresentar alternativas ao que tem sido realizado sem que tenham surgido os efeitos desejados, pois os alunos surdos estão inseridos, mas não incluídos. É, portanto, necessário um maior investimento na formação docente, na criação de espaços que proporcionem a interação e de ferramentas que ajudem no desenvolvimento da comunicação.

Palavras-chave: LIBRAS. Alunos surdos. Formação docente.

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E- mail: ortopediathurow@gmail.com

² Licenciada em Matemática: Mestre em Educação Ambiental pela FURG; Doutora em Educação em Ciências: Química da vida e da saúde pelo PPGEC/FURG. E_mail: ivane.duvoisin@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A educação de pessoas surdas tem se mostrado uma questão bastante relevante nos últimos tempos, no Brasil. Ao mesmo tempo em que se busca a inclusão destes alunos, eles acabam sendo excluídos pelo simples fato de não haver uma comunicação real e efetiva entre esses, seus professores e seus colegas. O ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pode ser uma importante ferramenta para sanar este problema, possibilitando a comunicação entre todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A escola tem uma função social de transformação do espaço onde está inserida. Para isso a missão de inclusão não deve ser apenas porque a lei obriga, mas sim por seu compromisso em cumprir com a função que lhe cabe.

A inclusão escolar traz novos desafios ao âmbito educacional, por isso é fundamental que se tenha um novo olhar, novas práticas e objetivos são necessários para que a escola se torne inclusiva. São muitas as formas de exclusão, na escola; nesse projeto me debruçarei a compreender as problemáticas dos educandos surdos.

O presente artigo consiste na divulgação da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que visa diagnosticar a situação das Escolas Municipais de São Lourenço do Sul – RS no enfrentamento das reais necessidades dos estudantes surdos e encontra-se organizado em três momentos apresentados logo a seguir.

Primeiramente, apresenta-se um diálogo com alguns teóricos, que discorrem sobre inclusão, ensino de LIBRAS e formação continuada, a respeito do tema da pesquisa, como Goés (1996) que em seus trabalhos revela que os sujeitos surdos, pela defasagem auditiva, enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua do grupo social no qual estão inseridos. Também Santos e Gurgel (2010) salientam a necessidade de professores bilíngues ou intérpretes para que as crianças surdas, inseridas na sala de aula, possam ter seus direitos linguísticos respeitados, o que, geralmente, não está disponível. Desse modo, no caso de crianças surdas, o atraso na linguagem pode trazer

consequências emocionais, sociais e cognitivas, mesmo que realizem aprendizado tardio de uma língua.

O que fazer? Onde buscar subsídios para sanar esta lacuna? O que já tem sido feito? Estas e outras questões, já debatidas e apresentadas por teóricos que se debruçaram sobre o tema, foram abordadas na pesquisa e serão apresentadas no decorrer deste trabalho.

A seguir, expõem-se uma breve análise da situação da inclusão no município de São Lourenço do Sul, através de uma abordagem qualitativa, valendo-se de um questionário entregue aos professores da rede municipal de ensino que fazem curso de LIBRAS e estão atuando em salas de aula regulares, ou em salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), e contribuíram com a pesquisa expondo as demandas ao atendimento dos alunos surdos no campo comunicacional, as expectativas dos envolvidos, bem como, sugestões para que se possa fazer frente à realidade posta.

O terceiro momento é de analisar e discutir as informações levantadas na pesquisa e, não de esgotar o tema, mas de trazer um pouco mais de luz sobre uma questão tão importante, para que se possa superar o problema da exclusão e compreender como o ensino de LIBRAS pode efetivamente fazer parte da proposta pedagógica e, não, simplesmente se constituir de ações paliativas que justifiquem o cumprimento obrigatório da lei.

A motivação para a realização de tal trabalho decorreu da convivência com pessoas surdas, da observação da realidade enfrentada pelos alunos e professores e, da consciência da importância de uma comunicação eficiente para o desenvolvimento integral dos alunos em um processo de ensino e aprendizagem relevante para todos os envolvidos.

Para que este processo seja relevante precisa-se buscar mais embasamento sobre as reais necessidades dos educandos com necessidades especiais e dos educadores que trabalham com eles. É preciso, também, pensar de que maneira incluir o ensino de LIBRAS no currículo do ensino fundamental, para que se possa abarcar todas as demandas que surgem nas mais diversas disciplinas, e contribuir para a melhor comunicação desses estudantes, na escola.

Os argumentos acima justificam uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto, a fim de se analisar realidades e possibilidades a respeito de uma

problemática cada vez mais presente no meio acadêmico e escolar, pois a aprendizagem de maneira geral e a aprendizagem de ciências especificamente não ocorrerão se não existir comunicação na sala de aula.

1. CONTEXTO DA PESQUISA

Em se tratando de inclusão, os surdos estão à margem do sistema educacional formal, de questões sociais e culturais. Sempre houve uma confusão entre dificuldade de comunicação e incapacidade mental; o que mais se destacava eram as limitações e não as potencialidades dos alunos surdos, mas a sociedade brasileira já há algum tempo, tem lutado para que mudanças ocorram.

A escola não pode ser neutra com relação aos desafios que diariamente lhe são apresentados, pelo contrário, deve ser um espaço democrático onde todos, sem distinção, possam fazer parte.

Em 2002 LIBRAS recebeu o reconhecimento como língua oficial das comunidades surdas, por meio da Lei nº 10.436, passando a ter status legal, com gramática e estrutura lexical próprias.

LIBRA, a Língua Brasileira de Sinais, assim é denominada a língua dos surdos, não mais sua linguagem. Os sinais são agora reconhecidos não mais como forma de comunicação, mas como língua. Isso quer dizer que LIBRAS ganha status científico, com funcionamento gramatical e enunciativo próprio (...) Tendo língua própria, ele agora é reconhecidamente marcado por uma distinta brasilidade, e recebe a condição de pertencimento, de patriotização. É o surdo possuidor de uma língua no Brasil. (COSTA, 2010, p. 46).

O decreto 5.626 de 2005 enfatizou a legitimação da língua de sinais como língua do surdo e a língua portuguesa como sua língua escrita; o documento fala sobre a formação do professor e do intérprete de LIBRAS.

A Universidade Federal do Rio Grande (FURG) tem buscado fazer frente aos desafios apresentados no caso da inclusão de educandos surdos com a inserção do curso de LIBRAS no currículo, conforme determina o decreto nº 5.626/2005, que diz em seu art. 3º:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de

ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

As aulas da disciplina de LIBRAS ministradas durante o curso de Licenciatura de Ciências da FURG, com todas as vivências e experiências bem aproveitadas com os educadores, tutores e colegas, sem dúvida foram as mais tocantes. Não apenas devido ao fato de se ter convivido com pessoas que falam o idioma, como também de perceber que é possível desenvolver o aprendizado, em poucos encontros, a um nível de comunicação bastante satisfatório; dando um vislumbre do que é possível alcançar com um pouco mais de empenho, dedicação e um currículo adequado. O que pode sugerir que o ensino de LIBRAS é capaz de realmente promover a inclusão, passando de um simples cumprimento obrigatório da lei para uma prática modificadora da realidade atualmente vivenciada nas salas de aula.

Para apontar possíveis caminhos a superação da inclusão, primeiramente é importante obter um diagnóstico da realidade e, para isso, foi necessário apresentar um questionário aos professores que atendem alunos surdos e a equipe da Secretaria Municipal de Educação responsável por garantir que os alunos surdos tenham acesso à educação e vejam seus direitos garantidos. Também foi importante realizar observações nas aulas ministradas pelos professores que estão fazendo o curso de LIBRAS ofertado pela FURG.

2. METODOLOGIA

A pesquisa em educação, assim como a pesquisa em outras áreas das ciências humanas e sociais, é essencialmente qualitativa, pois, segundo Tozoni-Reis (2009, p.10), na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, interessa muito mais compreender e interpretar seus conteúdos que descrevê-los.

Portanto, a pesquisa foi de natureza qualitativa e se concretizou por meio de uma revisão da literatura e de uma pesquisa de campo junto aos educadores inseridos no processo de ensino e aprendizagem de LIBRAS no município de São Lourenço do Sul, no RS.

A fim de compreender como as escolas estão se mobilizando para

eliminar a exclusão dos surdos, e procurando superar as concepções legalistas, fez-se uma pesquisa no entorno onde estas relações ocorrem nas escolas. Já se produziu um vasto material bibliográfico sobre a cultura surda, o estudo de LIBRAS e a inclusão, que serviu de base para a análise e discussão dos resultados levantados.

Iniciou-se o levantamento diagnóstico fazendo um questionário, com questões abertas e fechadas, enviado aos dezesseis professores da rede municipal que estudam no curso de LIBRAS ofertado pela FURG e onze responderam aos questionamentos. Desejava-se saber sobre seus conhecimentos prévios a respeito de LIBRAS, sua formação e tempo de atuação; identificar se sua formação acadêmica abordou este assunto e de que maneira; saber se seus alunos são fluentes em LIBRAS. Um dos pontos investigados foi se há algum tradutor ou alguma ferramenta para que os alunos que não conhecem LIBRAS usem para tentar se comunicar com os outros colegas. Ao final do questionário procurou-se obter suas sugestões para que a comunicação seja realmente efetiva e o aluno esteja verdadeiramente incluso na escola.

No Quadro 1 os codinomes dos professores que responderam o questionário, sua formação e tempo de atuação em sala de aula:

Quadro 1 - Professores do Município - Estudantes do Curso De Libras da FURG

Nº	Codinome	Formação	Tempo de atuação
01	Prof1	Licenciatura em história	13 anos
02	Prof2	Pós-graduação no ensino de espanhol	5 anos
03	Prof3	Graduação em pedagogia	8 anos
04	Prof4	Graduação em Língua portuguesa	4 anos
05	Prof5	Graduação em matemática	23 anos
06	Prof6	Magistério	2 anos
07	Prof7	Graduação em pedagogia	1 ano
08	Prof8	Graduação em artes	3 anos
09	Prof9	Graduação em pedagogia	1 ano
10	Prof10	Graduação em pedagogia	1 ano
11	Prof11	Graduação em ciências	7 anos

Fonte: elaborada pela autora

Para a Secretaria Municipal de Educação foi enviado um questionário com quatro questões abertas, perguntando sobre o número de alunos, com deficiência auditiva, atendidos pela rede municipal de ensino e como estes têm sido atendidos e o número de professores que conhecem LIBRAS e atuam nas salas AEE.

Ao falar da pesquisa qualitativa Ludke (1986, p. 12) salienta que o pesquisador “mantém contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente.” Isso torna possível analisar o ambiente investigado de perto, revendo e ajustando a questão inicial conforme a pesquisa se desenvolve.

Pensando no processo de ensino e aprendizagem de LIBRAS, vê-se a importância de considerar a vivência dos profissionais que atuam na área e se estão, de alguma forma, envolvidos com pessoas surdas. Justamente este ponto é salientado por Ludke (1986, p. 12) que explica que “nestes estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”.

A Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Turismo do Município de São Lourenço do Sul, foi o primeiro participante a contribuir para a pesquisa. Esclareceu, através de sua coordenação pedagógica, que já promove um curso de LIBRAS em parceria com a FURG, para os professores que atuam nas salas de Apoio a Educação Especial (AEE), coordenadores pedagógicos e outras pessoas diretamente envolvidas com alunos surdos. Afirmou que tem a intenção de manter tal parceria até que o curso básico, que compreende seis semestres, seja concluído, embora ainda não tenha pensado na possibilidade de expansão para outros profissionais da educação ou população em geral e, nem se dará, ou não, seguimento ao projeto. Também informou ter registro de oito alunos com deficiência auditiva sendo atendidos pela rede pública, sendo que dois estão na educação infantil e os demais no ensino fundamental. A secretaria conta com dois profissionais que são fluentes em LIBRAS nas salas de AEE e estes costumam ir até as escolas alguns dias por mês para assistir aos professores e alunos que precisam de apoio pedagógico e não souberam

informar sobre o número de professores que sabem algo de LIBRAS.

O curso de LIBRAS oferecido pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com a FURG tem a finalidade de superar o problema da exclusão, mas para além dessas ações fez-se necessária uma análise de como estes profissionais estão atuando, de forma emergencial, nas escolas nas quais os sete estudantes apontados pela Secretaria já estão inseridos.

Esta análise e as respostas dadas pelos professores servirão como embasamento para apontar caminhos para a criação e implantação de uma proposta pedagógica que efetivamente elimine a exclusão dos alunos com deficiência auditiva.

Para tanto, buscou-se, compreender qual é a situação das Escolas Municipais de São Lourenço do Sul no estado do Rio Grande do Sul – Brasil, no enfrentamento das reais necessidades dos estudantes surdos, bem como, dos profissionais que já lidam diariamente com estes alunos nas salas de aula.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

É necessário fazer uma análise mais aprofundada da realidade de cada aluno, da variabilidade dos casos e da etiologia da surdez. Primeiramente, a relação da perda auditiva com a idade, com possíveis distúrbios associados, com a reação emocional dos pais, e possivelmente, também, com o desenvolvimento intelectual. Só assim é possível começar a pensar em uma maneira de atender a estes alunos.

Apesar de um terço das pessoas surdas não terem a origem de sua surdez diagnosticada com exatidão, existem dois grandes tipos de causas que se apresentam: a hereditária e a adquirida. Segundo estudos realizados da surdez hereditária de cerca de 30% dos casos. A surdez adquirida está associada, na maioria das vezes, a problemas como anoxia perinatal, incompatibilidade de Rh ou rubéola, lesões variadas (COLL, 1995).

A surdez não afeta a capacidade intelectual do aluno. A pessoa surda tem inteligência normal, a não ser que apresente outra patologia associada que afete seu desenvolvimento cognitivo. No entanto, como no caso das crianças cegas, durante os primeiros anos de vida acabam apresentando alguma

lentidão porque têm sua capacidade de receber estímulos, reduzida. No caso específico da criança surda, esse atraso fica restrito à imitação e à emissão vocal, apenas.

Para os surdos, a aquisição dos diferentes conceitos envolvendo operações concretas é a mesma das pessoas ouvintes, embora haja uma defasagem temporal entre ambos. Esta se agrava na medida em que as operações forem se tornando mais complexas. Coll (1995) explica que a maioria das investigações sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças surdas foram realizadas nos anos setenta, embasados na Epistemologia Genética, nos oferecendo uma imagem bastante completa da aquisição das operações concretas e das operações formais e, em menor grau, do desenvolvimento sensório-motor e simbólico.

Estes pontos precisam ser levados ao conhecimento dos professores que trabalham com crianças com deficiência auditiva, porque, muitas vezes, a falta de informação e o preconceito podem fazer com que o trabalho se torne ainda mais desafiador.

Depois de obter as respostas aos questionários e feitas as observações, buscou-se, conforme descrito abaixo, fazer a análise e discussão dos mesmos, por meio de um diálogo com os referenciais teóricos que embasam esta investigação. Optei por colocar as opiniões dos professores em destaque para dar uma maior visibilidade ao que dizem.

Uma primeira constatação foi que em sua formação inicial os professores nem sempre receberam ferramentas para lidar com alunos com deficiência auditiva. Delors (2010) salienta a importância de ter estas ferramentas e os professores que tiveram sua formação inicial anterior a 2002 não estudaram LIBRAS na graduação, e isso fica evidente nas respostas dadas pelas Prof1, que diz: *eu nunca estudei LIBRAS* e a Prof5: *na minha época de estudante nem se falava em inclusão ou na necessidade de saber LIBRAS para receber alunos surdos. Eles iam para escolas especiais com professores que estudaram para isso*. Mesmo as professoras que tiveram sua formação após a inclusão da disciplina de LIBRAS no currículo das graduações não consideram sua formação suficiente para fazer frente à questão da comunicação em LIBRAS. Este ponto foi salientado por todas as professoras que responderam ao questionário e esta foi a principal motivação para estar

cursando o atual curso ofertado pela FURG.

Este ponto ficou bem claro na fala de Prof2, ao afirmar que: *assim como precisei buscar mais em termos de espanhol, também precisei com LIBRAS*. Cabe aqui salientar que esta professora tem uma aluna surda em uma turma de sétimo ano ensino fundamental. A mesma professora considera importante a formação acadêmica inicial como parte da formação, mas não suficiente para a complexidade da atuação profissional, percebe-se isso em suas colocações, *a formação continuada é essencial, pois novas demandas são constantes*. É necessário estar preparado para atender a essas novas demandas e para isso faz-se necessário empoderar os professores com novas ferramentas citadas por Delors (2010). O que leva a questão da formação continuada, da busca constante por capacitação e aprimoramento.

A Lei 9.394/96 é sem sombra de dúvidas um instrumento importante no incentivo a inclusão, além disso, postula o que seria necessário para que o processo de ensino e de aprendizagem realmente ocorra, falando da importância de um trabalho integrado e da formação continuada, como afirma Paulon, Freitas e Pinho (2005):

A formação do professor deve ser um processo contínuo, que perpassa sua prática com os alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio. É fundamental considerar e valorizar o saber de todos os profissionais da educação no processo de inclusão [...] É imprescindível, portanto, investir na criação de uma política de formação continuada para os profissionais da educação. (PAULON, FREITAS, PINHO 2005, p. 21-22).

Sem esta busca por qualificação constante, não é possível fazer frente às demandas da educação, bem como se faz necessária a existência de interatividade nas relações que se dão na escola para que as crianças com necessidades especiais possam ser realmente atendidas nas suas necessidades.

Com base nas respostas aos questionamentos em torno, primeiramente, da formação docente para o trabalho com a diversidade e da inclusão, em geral os professores não se sentem preparados para fazer frente a tais desafios. Por vezes demonstraram insatisfação com a formação recebida, medo diante do diferente e sentimento de incapacidade para lidar com alunos que tem necessidades especiais.

A fala da professora Prof1 da rede municipal ilustra isso, quando diz: *não*

me sinto em condições de atender as necessidades de uma aluna surda que frequenta minhas aulas'. Nem a aluna, nem eu sabemos nada sobre a língua de sinais e ela mal lê em português, então é impossível ensinar ela como ensino aos outros. Quando questionada sobre onde houve a falha, afirma: *não recebi formação acadêmica adequada para lidar com este tipo de situação.* Portanto, se faz necessário salientar mais uma vez a importância de o professor buscar formação, especificamente na área de LIBRAS, continuamente. A formação continuada pode ser a chave para expandir o que foi iniciado na graduação.

De acordo com Imbernón (2010, p.16) “[...] a aquisição de conhecimentos por parte do professor está muito ligada à prática profissional e condicionada pela organização da instituição educacional em que esta é exercida”. Então é preciso associar a prática à teoria, aplicar a teoria à prática e voltar para buscar na teoria as respostas que precisa.

Estes são os esforços que os professores de São Lourenço do Sul estão fazendo ao participar do curso de extensão de LIBRAS que está sendo oferecido pela FURG, no município: aprendem nas aulas do curso de LIBRAS, vão para a sala de aula, onde colocam os conhecimentos recém-adquiridos em prática e voltam à aula para buscar novos conhecimentos; eles já estão em seu segundo ano e a Prof3 diz: *já estou conseguindo me comunicar com minha aluna surda.*

Mesmo tendo um conhecimento superficial fornecido pela formação inicial, com as aulas do curso de LIBRAS os professores já têm percebido um avanço na comunicação com seus alunos que tem deficiência auditiva, conseguindo promover a interatividade. Prof3 disse: *o que aprendo no curso, ensino para ela nas aulas que ministro e já estamos nos comunicando muito melhor.* Tanto a professora quanto a aluna estão aprendendo agora, ao longo do curso de LIBRAS.

A interatividade trata da relação professor-aluno que vai se construindo e se atualizando na sala de aula. “Quando um profissional reconhece uma situação como única não pode lidar com ela apenas aplicando técnicas derivadas de sua bagagem de conhecimento profissional” (SCHON,2000 p.17), trata-se, portanto de uma interação afetivo-social-cultural entre professor e aluno. O que lembra outra função da escola, promover a socialização.

A partir das manifestações das professoras foi possível perceber que muitas acreditavam que seus alunos podiam não estar tendo suas necessidades cognitivas plenamente atendidas, mas pelo menos estavam inseridos no contexto escolar e socializando. Embora algumas creiam que nem mesmo isso esteja realmente acontecendo, porque os colegas destes alunos também não sabem como se comunicar com eles.

Ela fica sozinha no recreio mexendo no celular, foi o que observou Prof5, sobre o comportamento de sua aluna adolescente surda-muda em uma escola pública do interior do município. Isso caracteriza que não existem verdadeiras interações e, portanto, a socialização não está ocorrendo como deveria.

Outra ferramenta utilizada pela pesquisadora para a obtenção de dados para a investigação foi a observação nas salas de aula de uma escola municipal que possui uma aluna surda-muda o que lhe possibilitou outras leituras sobre a realidade.

Ao falar com os professores e verificar seus planos de aula, foi possível observar que a maior parte das aulas não era preparada para atender as necessidades dos alunos surdos que estão frequentando as escolas. Não há intérpretes e a maioria dos professores não tem conhecimento da língua.

Outro desafio salientado pelos professores é o fato de alguns de seus alunos não saberem se comunicar em LIBRAS, o que faz com que o conhecimento que os professores estão buscando não seja suficiente para que haja uma inclusão eficaz. Linguagem gestual rudimentar e experiência visual são suas principais formas de comunicação. Segundo a Coordenação Pedagógica Municipal de Educação Especial, responsável pelas salas de AEE, *nem todos os alunos atendidos no município são alfabetizados, o que dificulta ainda mais a comunicação e, portanto, a inclusão*. A mímica acaba sendo o meio de comunicação utilizado e não satisfaz as reais necessidades de inclusão.

Aqui se apresenta outro questionamento em relação às professoras que lidam com alunos surdos no município de São Lourenço do Sul. Quando questionadas sobre o que sabiam sobre o histórico dos alunos surdos, a maioria disse não saber nada e nem ter buscado informações sobre eles, além de não terem uma ideia clara das suas limitações e possibilidades relacionadas a estes alunos. A professora Prof1 disse: *não fui informada da relevância de*

tais informações.

A análise serviu para que fosse possível ter uma ideia da situação atual, mas, além disso, trouxe à tona as ansiedades dos professores e suas sugestões de como mudar ou melhorar o quadro atual.

A escola precisa oferecer ao aluno, surdo ou não, mais do que um lugar onde se adquirem conhecimentos. Este deve ser um ambiente onde se aprende a conviver com o grupo social, buscando atender à diversidade de aprendizagem em cada caso. E para que isso aconteça, os professores precisam estar preparados para intermediar este processo. As escolas precisam fazer o máximo para cumprir seu papel. Prestes (2015, p. 15) lembra que

Assim, a educação é a essência do processo de humanização na sociedade. Ciente disso, a escola deve utilizar, de maneira mais adequada possível, seu espaço e tempo para facilitar e favorecer o aprendizado do aluno. A riqueza e a variedade da oferta de atividades educacionais é fator de desenvolvimento de aprendizagem e de condutas pró-sociais, associada a uma prática de educadores preparados e envolvidos com as atividades escolares.

A formação docente exerce um papel fundamental neste caso. Nesta perspectiva o professor ocupa o lugar de interlocutor do aluno, desta feita, impõe-se hoje a revitalização do seu status, “o professor deve ser reconhecido como tal pela sociedade, além de dispor da autoridade necessária e das ferramentas adequadas para exercer sua função” (DELORS, 2010, p. 34).

Quando questionado sobre a ajuda que necessitam o Prof11 afirma que gostaria de *mostrar para a comunidade escolar e para a família os esforços que os professores têm feito para cumprir seu papel é muito importante, pois valoriza seu trabalho.* Outra ajuda sugerida pelos professores, além da divulgação dos resultados obtidos até o momento, é o uso de ferramentas tecnológicas.

Os recursos da tecnologia de informação e comunicação desempenham papel importante à acessibilidade na educação inclusiva dos alunos surdos. Interessante destacar a contribuição das tecnologias assistivas e comunicação alternativa, como área de conhecimento investigativo e criação de instrumentos acessíveis à pessoa com deficiência, de modo a viabilizar a participação social e o exercício da cidadania para estes alunos.

Para uma professora da educação infantil, Prof6, que tem duas crianças

surdas entre seus alunos revela sua opinião: *vídeos são uma ferramenta muito útil na comunicação, pois são uma forma divertida e interessante de ensino e aprendizagem para todos os alunos.*

Segundo Stumpf (2010) que escreveu sobre a educação de surdos e as novas tecnologias, “experiências realizadas na Flórida com crianças surdas mostraram que a compreensão da história narrada, uma única vez, chegou a 70%” quando se fez uso de vídeos com ou sem o uso de LIBRAS nas aulas, confirmando a constatação da professora citada acima.

Atendimento especializado é outra reivindicação de vários professores - Prof3, Prof5, Prof9 e Prof10 - porque, segundo elas: *o que estamos aprendendo no curso não é suficiente para atender as necessidades dos alunos surdos.* Inclusive a Prof11 disse que *falar a língua do aluno não significa que você é capaz de ensiná-lo. Este é só o começo.*

Também se faz necessário uma flexibilização da ação do professor quando se pensa nas adaptações à educação inclusiva. Hoje é possível dispor de uma variedade de recursos de acessibilidade que atendem as especificidades de cada aluno, desde os mais simples até os mais sofisticados e o currículo adaptado, conforme observado por Prof8, pode ajudar neste sentido. Além de ser necessário, segundo o ponto de vista desta mesma professora, que o curso de LIBRAS seja estendido a todos os professores e alunos pois *o aluno pode mudar de escola e não dá para esperar ele chegar para daí começar a estudar e os colegas também precisam saber para poderem conversar.* O prof2 afirma: *assim como se ensina outros idiomas, poderíamos ensinar LIBRAS como disciplina do currículo* evidenciando, que também, eles pensam ser necessário aprender, de fato, o idioma para poderem se comunicar com essas crianças.

Conforme demonstrado, os desafios são muitos e existem soluções possíveis, apontadas pelos próprios professores, mas demoram a ser implantadas. A maior vantagem dos professores do município de São Lourenço do Sul é perceberem a necessidade de buscar ferramentas para atendê-la, mostrando que existe um vislumbre de verdadeira inclusão no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar essa investigação pretendia compreender como o ensino de LIBRAS está sendo tratado no âmbito das escolas a fim de apontar possíveis caminhos que ajudarão os professores a criar e implantar uma proposta pedagógica que efetivamente elimine a exclusão dos surdos para além do simples cumprimento obrigatório da lei; para tanto tracei os seguintes objetivos: 1) diagnosticar a situação das Escolas Municipais de São Lourenço do Sul no estado do Rio Grande do Sul – Brasil, no enfrentamento das reais necessidades dos estudantes surdos; 2) levantar as reais necessidades e dificuldades dos professores que já lidam diariamente com estes alunos nas salas de aula e 3) verificar que propostas os professores apresentam para superar as dificuldades diagnosticadas.

Os dados levantados nas pesquisas, através de questionários, observações e pesquisas bibliográficas, apresentados no presente trabalho, indicam o quanto um modelo praticado nas escolas do município de São Lourenço do Sul, ainda que considerado inclusivo por seus participantes, não tem cumprido seu papel de maneira efetiva.

Os alunos surdos estão fisicamente presentes, mas não são levados em consideração em muitos aspectos e se cria uma falsa imagem de que a inclusão é um sucesso.

Aspectos fundamentais como os linguísticos, os sociais, os afetivos, entre outros, não são oportunizados a todos os alunos, ou são oferecidos de maneira bastante limitada aos alunos surdos, pois estes são desenvolvidos por meio da linguagem que não ocorre nas escolas. A não partilha de uma língua comum impede a participação em eventos discursivos que são fundamentais para a constituição plena dos sujeitos.

Como alternativas para sanar este déficit sugere-se um maior investimento na formação dos professores. Não apenas para os que lidam diariamente com alunos surdos, mas à todos, pois existe a possibilidade de estes alunos mudarem de escola e, sabe-se que o aprendizado ou aquisição de uma língua é um processo demorado, não podendo ser iniciado quando se recebe um aluno com estas necessidades, pois somente assim será possível fazer frente às demandas que surgirão.

A existência de intérpretes para os alunos que já dominam LIBRAS pode

ajudar em um momento inicial fazendo a intermediação entre estes alunos e os professores, mas isso não é suficiente para atender as necessidades dos alunos surdos cuja maioria não conhece LIBRAS. Isso, também não ajuda na promoção das relações interpessoais que devem ser desenvolvidas entre os alunos.

As limitações da comunicação restringem o desenvolvimento dos alunos surdos. Portanto, faz-se necessário pensar nas formas de convivência das crianças surdas e ouvintes, que tragam benefícios efetivos para ambos, pois as apresentadas, até o momento, não estão sendo suficientes para atender as demandas dos alunos surdos.

Para ajudar nesta tarefa é possível se trabalhar com ambos os grupos em espaços educacionais que promovam atividades esportivas, de lazer, de artes e de criação, nas quais poderiam conviver alunos com diferentes necessidades, através de atividades especialmente pensadas e preparadas para isso, não apenas fazendo o que se tem feito diariamente, que é inserir alunos surdos nas atividades propostas para ouvintes, mas pensando em atividades que possam ser integradoras e significativas para surdos e ouvintes.

Assim como existem aulas de línguas estrangeiras em todas as escolas municipais — em alguns casos desde a pré-escola — seria interessante pensar em aulas de LIBRAS para todos os alunos desde que entram na escola, talvez, até mesmo se iniciando pela educação infantil.

A inclusão é um fato. Adaptar-se a ela é uma necessidade. Os alunos com necessidades especiais vêm para a escola e, de acordo com Marques (2000), o professor os recebe a partir das relações estabelecidas ao longo de sua vida pessoal, de sua formação profissional e de sua prática pedagógica, retratando o seu modo de ser, de agir e suas concepções. Contudo, mesmo quando suas práticas pedagógicas têm pressupostos de integração e de inclusão, elas vêm acompanhadas de concepções excludentes e segregacionistas, como as observadas nas práticas de sala de aula e nas atitudes de professores e alunos da rede municipal de ensino de São Lourenço do Sul.

É necessário pensar em um modelo novo de formação acadêmica, de formação continuada e de escola, não apenas colocar os alunos surdos no modelo já existente, que foi concebido para a semelhança e não para a

diferença.

O curso de Licenciatura em Ciências trouxe à tona a questão da inclusão e deu os primeiros passos na formação dos futuros professores, mas a pesquisa realizada demonstrou que se a escolas e os profissionais envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem pretendem acolher a diferença, todo o processo precisa ser repensado de modo a respeitar de fato as singularidades, promovendo espaços de convivência e conhecimento mútuo.

REFERENCIAS

BAUER & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BRASIL. **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em 26 mar. 2017.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Publicada no Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em:<www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 27 fev. 2015.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, Á. **Desenvolvimento Psicológico e Educação - psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v. 1.

COSTA, J. P. B.. **A educação do surdo ontem e hoje: posição sujeito e identidade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

DELORS, J. (Org). **Educação. Um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI**. Brasília, julho de 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em 10 abril 2017.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1996.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. S. Paulo: Cortez, 2004.

LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora EPU, 1986.

MARQUES, L. P. **O Professor de Alunos com Deficiência Mental: concepções e prática pedagógica**. Tese (Doutorado). Campinas: Graf. FE/UNICAMP, 2000.

PAULON, S.; FREITAS, L. B. de; PINHO, G. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaeinclusao.pdf>>. Acesso em 10 abril 2017.

PRESTES, I. C. P. **Fundamentos teóricos e metodológicos da inclusão**. - 1. ed. - Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2015.

SANTOS, L. F. dos; GURGEL, T. M. do A. **O instrutor surdo em uma escola inclusiva bilíngue**. In LODI, Ana Claudia Baliero, LACERDA, Cristina B. F. de (orgs.) **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e em língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SCHON, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

STUMPF, M. R. (2010) **A educação de surdos e as novas tecnologias**.

Disponível em:

<eSurdosENovasTecnologias/assets/719/TextoEduTecnologia1_Texto_base_Atualiza do_1_.pdf> Acesso em 25 de maio, 2017.